

O Estágio Supervisionado em Ambientes não Escolares: um estudo na Associação Bem-Viver, em Santa Luzia do Pará (Km 47)

The Supervised Internship in non-School Environments: a Study in the Bem-Viver Association, in Santa Luzia do Pará (Aka Km 47)

Vívia Nascimento Fonseca
Deyverson Luener de Oliveira Ferreira
Universidade Federal do Pará (UFPA)
Santa Luzia do Pará-PA-Brasil

Resumo

O presente estudo busca fazer uma discussão a respeito do Estágio Supervisionado em ambientes não escolares, trazendo resultados de uma pesquisa realizada na Associação Bem-viver, localizada no Município de Santa Luzia do Pará (Km 47), no nordeste paraense. A pesquisa configura-se em discutir e analisar as experiências durante o período de estágio supervisionado em ambientes não escolares, ocorrido no contexto da pedagogia social. A investigação desenvolveu-se tendo como base metodológica a abordagem qualitativa interligada na observação participante. Por fim, através das experiências do estágio, analisou-se o dinamismo do trabalho pedagógico com as crianças e os jovens que participam da associação, além da articulação dos pedagogos em planejar, organizar e executar ações que promovam a participação de todos os membros pelos aspectos de inclusão social, cultural e artística.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado; Pedagogia Social; Ambientes não escolares.

Abstract

The present study seeks to discuss Supervised Internships in non-school environments, bringing results from research carried out at Associação Bem-viver, located in the city of Santa Luzia do Pará (Km 47), in the northeast of Pará. The research involves discussing and analyzing experiences during the supervised internship period in non-school environments, which took place in the context of social pedagogy. The investigation was developed using a qualitative approach linked to participant observation as its methodological basis. Finally, through the internship experiences, the dynamism of the pedagogical work with children and young people who participate in the association was analyzed, in addition to the coordination of pedagogues in planning, organizing and executing actions that promote the participation of all members through aspects of social, cultural and artistic inclusion.

Keywords: Supervised internship; Social Pedagogy; Non-school environments.

Introdução

O pedagogo vem conquistando cada vez mais presença em diversos espaços, incluindo os não formais, em vista do exercício educativo encontrar-se em todas as esferas sociais. Esse profissional por muito tempo teve sua atuação restrita apenas para as salas de aula das escolas, incorporado somente em uma educação formal. O pedagogo vem se destacando cada vez mais por sua flexibilidade e por seu desempenho na gestão, planejamento, execução, coordenação e avaliação de atividades, levando-o a sua inserção em espaços hospitalares, empresariais, jurídicos e sociais, para além das instituições formais de ensino.

Antes visto apenas como transmissor de conhecimento, o profissional da educação passa, então, a exercer a função de mediador, desenvolvendo atividades estratégicas com objetivos pedagógicos e sociais, como por exemplo: eventos, oficinas, *workshops*, treinamentos dentre outros. A pedagogia configura-se como um campo do conhecimento que se relaciona a um estudo sistemático da educação, do ato educativo, da prática educativa e sendo um componente integrante da atividade humana, além de integrar aspectos da vida social e dos processos sociais (LIBÂNEO, 2001).

Gadotti (2005), sobre a importância do espaço e do tempo nos ambientes não formais de ensino, destaca que uma de suas principais características é o seu caráter flexível, respeitando as capacidades do indivíduo e de cada contextualidade. Dessa forma, é possível escrever que a atuação do pedagogo continua, mesmo nos espaços não escolares, garantindo aos sujeitos seus direitos englobados dentro do campo da educação, no qual estão o que podemos considerar “[...] os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 1996).

Gohn (2010, p. 15) enfatiza que ao fazer essa aproximação e “articular a educação, em seu sentido mais amplo, com os processos de formação dos indivíduos como cidadãos, ou articular a escola com a comunidade educativa de um território, é um sonho, uma utopia”, mas que não está além de possibilidades reais. Neste sentido, utilizar práticas e elementos pedagógicos em espaços não formais, como as ONG’s e demais associações sociais, contribui para a construção do saber e para a busca pelos direitos de formação cidadã dos indivíduos, uma vez que o ato de aprendizagem da educação não formal, diferentemente da *educação*

informal’, “[...] não é espontâneo porque os processos que o produz têm intencionalidades e propostas” (GOHN, 2010, p.16). Assim, a educação não formal é aquela que acontece na troca de conhecimentos e experiências, ela dar-se-á na vida cotidiana, entre o compartilhamento de saberes e realização de ações que ocorrem principalmente de forma coletiva.

No tocante à pedagogia social e ao(a) pedagogo(a), Libâneo (2006, p.7) discorre que:

Todo trabalho docente é trabalho pedagógico, mas nem todo trabalho pedagógico é trabalho docente. Um professor é um pedagogo, mas nem todo pedagogo precisa ser professor. Isso de modo algum leva a secundarizar a docência, pois não estamos falando de hegemonia ou relação de precedência entre campos científicos ou de atividade profissional. Trata-se, sim, de uma epistemologia do conhecimento pedagógico. (...) Precisamente pela abrangência maior do campo conceitual e prático da Pedagogia como reflexão sistemática sobre o campo educativo, pode-se reconhecer na prática social uma imensa variedade de práticas educativas, portanto uma diversidade de práticas pedagógicas. Em decorrência, é pedagoga toda pessoa que lida com algum tipo de prática educativa relacionada com o mundo dos saberes e modos de ação, não restritos à escola. A formação de educadores extrapola, pois, o âmbito escolar formal, abrangendo também esferas mais amplas da educação não-formal e formal. Assim, a formação profissional do pedagogo pode desdobrar-se em múltiplas especializações profissionais, sendo a docência uma entre elas.

Em vista disso, se pode compreender que a atuação do(a) pedagogo(a) em espaços sociais, como ONG’s e demais instituições não escolares, é uma das múltiplas possibilidades de atuação deste profissional. Essencialmente, sua ação parte do estudo e identificação de alguma problemática ou necessidade, posteriormente traçando um conjunto de estratégias e trabalhos sociais e educativos para alcançar a melhoria das carências identificadas em sua práxis.

A Lei nº. 11.788, de 25 de setembro de 2008 (capítulo I) discorre sobre as especificidades e exigências do estágio, e o descreve como um ato educativo institucional que deve ocorrer de maneira supervisionada, com o objetivo de contribuir para a preparação de graduandos de instituições de educação de vários níveis, podendo ser ele obrigatório ou não. Porém, deve sempre visar o aprendizado de competências próprias à atividade profissional, assim como o currículo do curso e instituição nos quais o(a) graduando(a) está inserido(a), educando-o(a) para a vivência cidadã e para o trabalho.

O estágio é parte fundamental do desenvolvimento profissional dos discentes do curso de pedagogia, uma vez que lhes proporciona o contato direto com os ambientes educacionais formais e não-formais em que o pedagogo(a) pode atuar. Ademais, é no estágio que o momento de reflexão sobre a teoria e a prática do fazer pedagógico pode ser realizado,

O Estágio Supervisionado em ambientes não escolares: um estudo na Associação Bem-Viver, em Santa Luzia do Pará (Km 47)

permitindo aos graduandos a observação de sua didática e metodologia como futuros profissionais da educação.

Ademais, urge ressaltar que o estágio em ambientes não escolares é essencial na formação do pedagogo, uma vez que, durante o período de estágio, o universitário tem a oportunidade de relacionar a teoria e a prática, promover atividades e projetos, além de desenvolver um pensamento crítico e reflexivo sobre seu processo de ensino e aprendizagem. Como bem colocam Santos e Menezes (2016, p. 77-78) ao escreverem que:

Através do estágio em espaços não escolares, os alunos poderiam compreender a amplitude que têm a sua formação, além de servir como um divisor de águas, fazendo-o que desenvolva ou não gosto pela pedagogia empresarial ou em outros setores; ou se vai preferir seguir na docência em ambientes formais. O estágio é capaz de fazer com que o aluno relacione a teoria com a prática, reforçando as abordagens teóricas apresentadas em sala de aula quanto estudante de pedagogia em formação. Logo, o estágio pode ser percebido não somente como exigências acadêmicas para a obtenção da titulação como pedagogo, mas como oportunidade de treinamento pedagógico para atividades para além da sala de aula, saindo da normalidade escolar imposta dentro da sua específica área de formação como educador e docente.

Mediante o exposto, o presente estudo tem o objetivo discutir e analisar as experiências durante o período de estágio supervisionado em ambientes não escolares, que ocorreu no campo da pedagogia social. Para Severo (2017, p. 2126) a “pedagogia social refere à metateoria que organiza e justifica a constituição de perspectivas conceituais e matrizes metodológicas para construção e validação do conhecimento [...]”, relacionando-se no que o autor denomina de uma pedagogia para problemas socioeducacionais.

Nesse sentido, o estudo desenvolveu-se no seio de uma ONG, intitulada “*Associação de Pais e Amigos da Pessoa com Deficiência - Bem Viver*”, conhecida popularmente como “*Bem-viver*”, que está localizada no município de Santa Luzia do Pará – PA (KM 47), tendo sua sede situada, provisoriamente, na Rua General Gurjão, nº 572.

Ademais, pretende-se demonstrar, através das experiências do estágio supervisionado em ambiente não escolar, a importância da arte como ferramenta na promoção da inclusão nos espaços não-formais de ensino, assim como compreender a função do pedagogo que atua em espaços relacionados à pedagogia social, uma vez que a instituição escolhida para a realização do estágio é de cunho social.

A metodologia que regeu a execução e construção deste estudo é de cunho qualitativo, com base em um método de observação participante. Conforme Marietto (2008, p.1), relacionando com o método do presente trabalho, a observação participante “[...] é um método qualitativo com raízes na pesquisa etnográfica tradicional”, na qual o pesquisador se insere no ambiente estudado, interagindo diretamente com ele. Como resultado, foi possível contemplar e interagir com os membros da associação, em especial com os pedagogos que atuam de maneira direta nas atividades propostas dentro da ONG e com as crianças e adolescentes que integram a associação Bem-Viver.

O estudo desenvolveu-se pela técnica de coleta de dados, pela entrevista semiestruturada e pelo registro fotográfico. Sobre a entrevista semiestruturada, Minayo (2009, p. 64-66) escreve que “[...] combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada”. Dessa forma, tornou-se viável analisar os métodos de planejamento, organização e execução de práticas pedagógicas dentro da associação, assim como sua interação para com o público-alvo.

Assim sendo, o trabalho foi elaborado com o intuito de apresentar de forma sucinta pontos essenciais que sintetizam as ideias e conclusões obtidas durante o estágio em ambientes não escolares e a importância do estágio supervisionado na formação profissional; além de evidenciar, por meio da observação e análise sobre o papel do pedagogo na associação, e de que forma o trabalho pedagógico, aliado à arte e ao esporte, contribuem para o enfrentamento de desafios e para a criação de estratégias e laços entre os membros da instituição.

O estágio supervisionado: experiências e vivências na associação bem-viver

Entender como a associação Bem-Viver se insere dentro do contexto da pedagogia social foi fundamental, principalmente ao compreender as formas como esta funciona e atua na vida dos indivíduos, por meio de diversas formas de organização, como o caso das ONG's e instituições beneficentes, categoria da qual a Bem-Viver faz parte. Conforme o pensamento de Santos e Menezes (2017, p.87):

[...] a Pedagogia Social funciona como uma ciência prática, social e educativa, não formal, que justifica, e compreende em termos mais amplos a tarefa da socialização [...] Ela busca diretamente uma forma de amenizar os impactos causados pela desigualdade social, objetivando integrar esses indivíduos menos favorecidos ao convívio social, apresentando a realidade de um ângulo diferente do ponto de vista

O Estágio Supervisionado em ambientes não escolares: um estudo na Associação Bem-Viver, em Santa Luzia do Pará (Km 47)

ao qual estão acomodados a acreditar, gerando novas expectativas de vida, a vontade de mudança, de dar a volta por cima, novas conquistas e desafios.

A instituição surgiu em março de 2017 e atua há 5 anos como uma associação civil, sem fins lucrativos, nas áreas de assistência social, educação, preparação para o trabalho, defesa e garantia de direito, esporte, cultura e lazer das pessoas com deficiência da cidade de Santa Luzia do Pará, tendo por finalidade promovê-las, organizá-las e integrá-las, sem quaisquer distinções.

Imagem 1: Placa da Instituição Bem-viver



Fonte: Acervo da pesquisa, 2022.

Por meio da realização de entrevista semiestruturada – devidamente documentada em termo de consentimento livre e esclarecido – com uma das fundadoras e membra da associação, tornou-se possível entender o que despertou a motivação em iniciar os trabalhos com as pessoas com deficiência. A pergunta dirigida à pedagoga Nívia Andrade foi “O que levou/motivou vocês a querer criar a associação?”:

[...] O interesse, a ideia, começou quando a gente iniciou na pastoral da criança, nós recebemos uma criança né? Acho que vocês conhecem, a Dona Valda [...] ela cuidava de uma criança deficiente, a Samyla, uma criança desnutrida, bem desnutrida mesmo, mas também deficiente por maus-tratos dos pais. E a gente cuidava dessa criança com a dona Valda, a gente acompanhava essa criança, e eu acompanhava a dona Valda nas consultas pra Belém, pela pastoral da criança, a gente conseguiu as consultas e eu acompanhava a dona Valda, porque a dona Valda era uma senhora de sessenta anos, cuidando de uma criança de três...E deficiente né? Ela tinha três anos, pesava quase dois quilos e meio. [...]E me lembrou lá atrás, quando eu era adolescente...Uma criança, no...min...de uma amiga, que nasceu deficiente. E eu e a minha amiga que era tia dela, nós prometemos cuidar dela. E quando a gente crescesse né? Tivesse...A gente ia estudar pra cuidar de pessoas com deficiência por causa dela. Então, o interesse

veio, a princípio, pela Bruna e renovado pela Samyla, de criar algo, pra cuidar de deficientes [...] A Bem-Viver ela nasceu dentro de um ensinamento da pastoral da criança [...] A gente sentou pra conversar lá na casa da Bio, e de lá surgiu essa ideia de um grupo de apoio, eu dizia pra ela que na verdade eu não queria ter um grupo de apoio porque somente um grupo de apoio é muito limitado, pra dar o que eu realmente gostaria de dar pras famílias. E eu não queria ter só pra autismo, eu queria ter pras outras deficiências também, até porque...as pessoas que estavam ao meu redor não iam entrar nesse grupo de apoio, que eu já tinha contato como deficiente (ANDRADE, 2022).

Existindo de maneira regulamentada desde 2017, a Bem-Viver trabalha com 38 (trinta e oito) famílias agregadas, sendo os seus integrantes compostos, principalmente, por crianças e adolescentes com deficiência. A entidade funciona de maneira flexível, por meio de atividades pontuais. Nesse sentido, com o intuito de se aprofundar mais nas formas de organização e desdobramento de trabalhos da instituição, foi levantada a questão: “Como vocês se organizam em relação a suas atividades? Em planos de ação, planos de intervenção?”

A longo prazo, só tem o karatê [...] a gente parou um tempo, mas pretendemos não parar porque é uma coisa que ajuda muitos os “meninos”, muito mesmo. É bem complicado porque, o balé ele tinha mais pessoas pagantes do que o karatê, porque dentro do projeto, tanto dentro do balé quanto do karatê a gente tem os alunos pagantes e os não pagantes, quem é da associação, sócio não paga, os que não são sócios que querem participar do projeto eles pagam uma taxa, pra ajudar na manutenção, pagamento de professor...Essas coisas [...] A curto prazo, são as atividades, os projetos, como as atividades de páscoa, as atividades de natal, porque a gente sempre acompanha as datas comemorativas, com a pandemia terminou... A gente quase nem fez mais plano de nada, porque a gente ficou sem plano mesmo, a gente não sabe como vai proceder de nada ainda. Agora, graças a Deus flexibilizou um pouco, né? Já diminuiu mais, a gente já até pensou [...] pra gente marcar uma reunião pra começar... a voltar as nossas atividades e inicial pela páscoa, porque a gente tem um calendário [...] Todos os anos a gente vai obedecendo um calendário [...] às vezes a gente percebe que precisa de alguma intervenção por alguma coisa que a gente percebeu que está acontecendo, a gente inventa alguma atividade pra ajudar a atender, aquele, aquela necessidade (ANDRADE, 2022).

Essas práticas inclusivas são de suma importância, principalmente no tocante às atividades esportivas, uma vez que, bem-organizadas, elas se apresentam como eficientes formas de combater e superar as visões capacitistas, as quais a pessoa com deficiência enfrenta. Segundo Amaral (1998, apud GREGUOL, et al., 2021, p.2):

A deficiência ao longo do tempo sempre foi alvo de visões estereotipadas. Se inicialmente a questão era mais relacionada ao misticismo ou à religião, atualmente ainda são comuns em nossa sociedade generalizações errôneas relacionadas às

O Estágio Supervisionado em ambientes não escolares: um estudo na Associação Bem-Viver, em Santa Luzia do Pará (Km 47)

peças com deficiência, tais como a ideia de que todas devam ser tratadas com piedade ou com admiração exagerada, reforçando ideias de subestimação ou superestimação de suas capacidades.

A Bem-viver busca combater a promoção de práticas capacitistas, que se configuram como discriminação para com as pessoas com deficiência, construídas e apoiadas em uma idealização sobre o dito “normal”. Na visão capacitista, a pessoa é desacreditada e subestimada em razão de suas deficiências. Nessa concepção o “normal” é descrito como a pessoa com um corpo “perfeito”, gerando uma ideia de *corponormatividade*. O esporte, nesse sentido, surge como um fenômeno sociocultural capaz de combater essas visões capacitistas e estereotipadas.

Dentre as principais atividades da Bem-viver, as aulas de karatê têm um maior destaque, sobretudo por ser uma das únicas atividades regulares da associação, que acontece periodicamente nos dias de terça e quinta-feira. O professor – que está terminando o curso de pedagogia – exerce autoridade sem demonstrar-se autoritário e tenta trabalhar com a hiperatividade dos aprendizes da melhor maneira, principalmente com seus alunos autistas, os quais possuem um comportamento mais agitado.

A relação das crianças e jovens, uns com os outros, está em constante mudança. Observou-se ao longo da participação das atividades da associação como é a dinâmica de convivência entre eles e como a pedagoga atua nessa situação, agindo como mediadora quando ocorrem conflitos e levando as falas para as reuniões com os pais, além de propor atividades que busquem a melhora dos problemas encontrados.

Imagem 2. Aula de karatê da Associação Bem-viver



Fonte: Acervo da Pesquisa, 2022.

É notável o trabalho social da *Senshinkai*, em especial para com as crianças e jovens com deficiência. Nesses momentos, visualizar o trato, a maneira de pensar estratégias e adotá-las para o melhor desenvolvimento de cada indivíduo foi tocante e de extrema relevância para compreender melhor o papel do pedagogo nesses espaços, considerando que o principal professor da academia está em processo de formação em um curso de pedagogia – influenciado pelos pedagogos da associação Bem-viver.

Mediante o exposto, urge ressaltar também sobre a utilização da arte pela entidade, com o intuito de combater o capacitismo. Destaca-se, portanto, que o desdobramento das práticas artísticas, em especial a pintura, nas ações da instituição, diz respeito às atividades ocorridas dentro do projeto “Arte e vida”, construído como plano-ação para atender às exigências do estágio supervisionado que deu origem à presente pesquisa.

O planejamento inicial de intervenção previa aulas de pintura, desenho e confecção de caixas de presente; porém foi acordado que, em um primeiro momento, apenas as oficinas de artes seriam o suficiente, principalmente para criar um vínculo com o público da associação, demonstrando que o pedagogo deve desdobrar-se para atender às necessidades da instituição em que está inserido, priorizando a construção de vínculos efetivos e de trabalho. A arte como manifestação sociocultural é um importante agente, se usado de maneira organizada e efetiva, no combate aos estereótipos e preconceitos. Dessa forma, foi sempre visado no plano-ação o combate às problemáticas referentes às concepções e aos conceitos pejorativos para com a pessoa com deficiência.

A intervenção didático-pedagógica na associação bem-viver

A construção do plano de intervenção, requisito exigido como atividade avaliativa do estágio supervisionado em ambientes não escolares, se deu após a conversa inicial com a pedagoga que iria supervisionar o estágio; ela informou sobre as atividades preferidas das crianças e jovens, e sobre a carência de tempo e de pessoal para a realização dessas atividades. A proposta escolhida para o plano foi a relacionada ao universo das artes.

Dessas discussões, surgiu o plano-ação “Arte e vida”, com o intuito de proporcionar um momento de recreação artística para as crianças e jovens da associação interessados em participar das oficinas de artes. A arte como manifestação sociocultural é um importante agente, se usado de maneira organizada e efetiva, no combate aos estereótipos e preconceitos. Durante o processo de construção do plano, foi sempre visado o combate as

O Estágio Supervisionado em ambientes não escolares: um estudo na Associação Bem-Viver, em Santa Luzia do Pará (Km 47)

problemáticas referentes as concepções e conceitos pejorativos para com a pessoa com deficiência.

Foram escolhidos os desenhos e as pinturas, uma vez que as atividades que a associação já havia promovido eram relacionadas a elas obtiveram resultados positivos quanto à participação e ao interesse do público-alvo. Os recursos foram obtidos em parceria com a associação, que já possuía diversos materiais de pintura. Em todos momentos, da elaboração à execução da atividade, aqueles à frente da instituição se mostraram abertos e solícitos para contribuir com a ação, utilizando de sua experiência na área, além de proporcionarem suporte na preparação para a oficina – cortando papel, comprando e separando tintas, pincéis, lápis e borrachas. As oficinas ocorreram durante a manhã e à tarde, para poder atender a duas turmas. Ao todo, participaram 21 (vinte e uma) crianças e adolescentes da associação. O momento de recreação artística aconteceu na sede da associação, localizada provisoriamente na Rua General Gurjão, nº 572.

Os níveis de aptidão nas pinturas e nos desenhos variou para cada indivíduo. A avaliação da ação foi realizada de forma contínua, mediante envolvimento de todos nas atividades. Como resultado, foi perceptível que a participação foi bem divergente, alguns demonstraram grande interesse, fizeram perguntas e interagiram mais, enquanto outros não participaram de maneira tão concreta. Dentre as causas, estão a falta de interesse na atividade, o receio de não conseguir realizar com exatidão as dicas e sugestões de como desenhar personagens e de como utilizar e pensar nas cores para recriar obras artísticas que lembrassem um momento, situação ou algo da vivência pessoal de cada aluno, ou ainda a timidez em realizar as tarefas.

Fazendo uma relação com o pensamento de Libâneo (2001, p.7), os pedagogos em diferentes espaços possibilitam uma “educação que está ligada a processos de comunicação e interação pelos quais os membros de uma sociedade assimilam saberes, habilidades, técnicas, atitudes, valores existentes no meio culturalmente organizado[...]”. Nesse sentido, relacionando a pedagogia em ambientes não escolares com a proposta educativa em uma abordagem sociocultural, compreende-se que o “ato educativo seu caráter de mediação, mediante o qual favorece o desenvolvimento dos indivíduos na dinâmica sociocultural de seu grupo” (LIBÂNEO, 2001, p.7).

As pinturas expressaram os interesses e as visões de mundo das crianças e jovens; e algumas, de maneira especial, demonstraram críticas para com a situação do desmatamento nas florestas brasileiras, além da sensibilidade para importantes aspectos da vida, como os sentimentos.

Dentre os critérios avaliativos previstos no plano-ação, estão a eficiência, a eficácia e a efetividade da atividade na promoção da sociabilidade dos indivíduos através da interação exigida durante o processo de criação dos artesanatos e pinturas, por meio das trocas de conhecimentos entre todos os participantes, buscando despertar a coletividade e a socialização.

Como resultado, o desenvolvimento da atividade foi bastante positivo, havendo diversas trocas de conhecimentos e saberes sobre como desenhar ou pintar de maneira mais organizada e harmônica. Ressalta-se também que as crianças e jovens dialogaram e interagiram uns com os outros de maneira livre e espontânea, inclusive com sugestões de como melhorar suas práticas de pintura.

Procurou-se abordar os temas de maneira inclusiva para todo o público-alvo da ação, que incluía crianças e jovens autistas, deficientes auditivos e físicos, de forma que todos pudessem participar de um momento de interação e manifestação artística equitativamente.

Imagem 3. Pinturas da turma da tarde, do projeto “Arte e vida”



Fonte: Acervo da pesquisa, 2022.

A avaliação da atividade foi positiva, sendo posteriormente necessário o trato dessas pinturas e desenhos para a apresentação das obras. A exibição das pinturas aconteceu no dia 18/06/2022 e contou com apresentações culturais, música ao vivo com artistas locais, comidas

O Estágio Supervisionado em ambientes não escolares: um estudo na Associação Bem-Viver, em Santa Luzia do Pará (Km 47)

típicas e brincadeiras com as crianças. As telas ficaram à mostra ao público durante todo o evento.

A exposição foi pensada de maneira inclusiva, para que todos pudessem participar e se sentir bem-vindos. Foi elaborada a apresentação dos Boi-do-Bem e Boi-do-Viver – os trajes foram produzidos pela pedagoga da associação, Nívia Andrade, e foram dirigidos por membros da associação.

Imagem 4. Boi-do-Bem e Boi-do-Viver



Fonte: Acervo da pesquisa, 2022.

O objetivo de fazer a mostra das obras foi alcançado, uma vez que o estande foi amplamente visitado pelas famílias e pelos demais componentes do público que compareceu ao evento, trazendo visibilidade para a temática da inclusão e demonstrando como a arte pode ser uma importante ferramenta pedagógica na promoção da qualidade de vida e no combate ao capacitismo. Perceber o trabalho pedagógico envolvido nesses eventos foi uma experiência rica, tendo em vista que mesmo nos mínimos detalhes, na interação, no trato com os sujeitos e com os materiais, o trabalho pedagógico desenvolvido foi muito significativo.

Ao refletir sobre as atividades desenvolvidas, especificamente com o esporte e a arte, é possível perceber o importante papel que o pedagogo desenvolve nos espaços da pedagogia social, como é o caso da associação Bem-viver, contemplada com o trabalho de dois pedagogos nos campos de planejamento, organização e gestão de atividades, em conjunto com os demais membros que compõem a mesa diretora da associação.

Dado o caráter flexível e mediador do trabalho pedagógico, é compreensível que as estratégias adotadas pela instituição possuam o mesmo teor ao serem guiadas por ideais pedagógicos, especialmente no tocante à utilização dos conceitos e possibilidades das artes

e do esporte, que se demonstram como fortes agentes no combate às práticas capacitistas e excludentes, às quais a instituição tem uma política de combate.

O pedagogo que atua no campo da pedagogia social, assim como nas demais áreas em que pode vir a agir, deve adotar sempre uma postura profissional e inacabada, uma vez que deve modificar-se para melhor atender às demandas das entidades em que irá executar suas ações. Nas ONG's, como é o caso da associação Bem-viver, que tem uma longa história no combate ao preconceito em relação a pessoas com deficiência, é indispensável que a prática e o fazer pedagógico sejam dotados de sensibilidade e de vontade em promover a inclusão, como forma de combater visões estereotipadas e capacitistas. Utilizar a arte e o esporte, que tem um desdobramento histórico ligado a movimentos de resistência e luta por direitos, é uma das estratégias que esse profissional pode adotar para contribuir em seu trabalho, além de procurar sempre estar em constante atualização, especializando-se para garantir as melhores maneiras de alcançar o seu público-alvo.

Nesse sentido, o estágio supervisionado é uma indispensável ferramenta na formação do(a) pedagogo(a), uma vez que permite ao aluno inserir-se nesses espaços e experienciar como ocorre o funcionamento e as formas de organização pedagógica destes, além de perceber como e de que forma o(a) pedagogo(a) contribui nas atividades, práticas e metodologias dos projetos e ações das entidades. Ao vivenciar os momentos proporcionados pelo estágio, o aluno constrói uma rede de saberes e apontamentos sobre as dinâmicas da pedagogia social e sua importância para aproximar o discente da realidade social em que ele, a instituição e seus componentes estão inseridos, de forma a perceber quais são as carências da associação e quais caminhos tomar para combatê-las, além de proporcionar melhor participação e integração para todos os agentes atendidos por ela.

Dessa forma, é possível compreender a importância do estágio supervisionado em ambientes não escolares como um componente curricular obrigatório do curso de pedagogia, uma vez que o pedagogo(a) vem ganhando cada vez mais espaço em diversos ambientes de trabalho – saindo de dentro das paredes das instituições formais de ensino. Isso acontecerá especialmente em detrimento das múltiplas exigências do mundo contemporâneo que necessita cada vez mais de alguém capaz de organizar, planejar, executar e mediar atividades educativas nos espaços formais e não-formais de ensino, como maneira de articular as práticas educativas a elementos do cotidiano de uma determinada sociedade, com o intuito

O Estágio Supervisionado em ambientes não escolares: um estudo na Associação Bem-Viver, em Santa Luzia do Pará (Km 47)

de contribuir para a formação integral dos indivíduos como cidadão críticos e atuantes no seio social.

O estágio supervisionado, nesse sentido, possui um papel formativo indispensável para o pedagogo(a), e sua aplicação deve ser colocada de maneira incisiva aos discentes do curso de pedagogia, como forma de garantir que eles conheçam e aprofundem seus estudos acerca das múltiplas possibilidades de atuação do pedagogo(a), para assim compreender a importância de se formar profissionais comprometidos com as práticas pedagógicas em todos os espaços, sejam estes formais ou não-formais.

Considerações finais

O estágio supervisionado em ambientes não escolares demonstrou-se essencial para o processo de formação do pedagogo, uma vez que possibilita a vivência de muitas experiências necessárias para o saber fazer do profissional da pedagogia, especialmente por permitir visualizar a relação entre teoria e prática no tocante à pedagogia social, além de facilitar o aprimoramento dos métodos e tratos que deve-se obter ao trabalhar na área da educação – em seu sentido amplo, não somente nas instituições formais de ensino.

Conclui-se que as atividades mais concretas da associação Bem-viver, que são as aulas de balé e de karatê, foram elaboradas com o intuito de promover a cidadania, garantir os direitos das crianças e jovens com da associação, assim como proporcionar um desenvolvimento sensório-motor e social.

Os recursos financeiros ainda são uma das principais barreiras na realização e promoção de mais encontros e momentos recreativos, e no tocante ao assunto, a mesa diretora da entidade tenta se organizar para buscar meios de obter recursos para continuar, ao menos, com o projeto do karatê, o qual promove a inclusão, tendo uma parceria harmoniosa com o professor Paulo Y. N. Nara, que em sua sede e filiais busca implementar o karatê como agente promotor de inclusão social para as pessoas com deficiência.

No que diz respeito à relação estabelecida com a instituição e seus membros, é destacada uma ótima positividade. Os objetivos propostos no plano-ação foram obtidos com êxito quase total, salvo algumas alterações feitas para não sobrecarregar as crianças e jovens, assim como suas famílias, estas que se demonstraram extremamente solícitas para com a presença da estagiária, além do interesse na execução das demais oficinas artísticas, no futuro, para o público da associação.

A arte e o esporte desdobraram-se como importantes ferramentas na promoção da inclusão e da equidade dado seu caráter flexivo e transformador. Durante as atividades construídas e vivenciadas no estágio, foi possível perceber a contribuição da arte e do esporte para o desenvolvimento sensório-motor, afetivo/emocional, e social das crianças e adolescentes atendidos pela Bem-viver, trazendo resultados positivos em detrimento do exigido na avaliação proposta para o plano-ação construído e implantado na instituição.

É notável que a associação tem buscado adotar estratégias e procurar possibilidades para suprir suas carências, demonstrando interesse em trabalhar de maneira ainda mais incisiva, por meio da busca pela regulamentação de uma nova mesa diretora para obter recursos financeiros estaduais e atender a necessidade de fundos para a realização de eventos, organizar um calendário para voltar às atividades, passado o período de auge da pandemia do COVID-19, e se organizar como instituição formal para garantir o direito das pessoas com deficiência e em situação de vulnerabilidade financeira, sendo esse um de seus principais objetivos.

Conclui-se, portanto, que o estágio em ambientes não escolares permite ter uma visão mais ampla e clara de onde e como o pedagogo atua fora dos ambientes formais de ensino, como as escolas, além de construir uma teia de conhecimentos práticos para a futura prática de atuação como pedagogo(a) em uma das muitas instituições em que o(a) pedagogo(a) pode atuar. Urge ressaltar, por fim, a relevância das aprendizagens construídas, que permitiram relacionar os conhecimentos teóricos, aprendidos em sala, com o cotidiano e as experiências encontradas no campo pelo profissional da pedagogia, bem como aprimorar o saber fazer pedagógico, permitindo repensar as práticas e metodologias que o pedagogo pode adotar ao atuar nas entidades agregadas na pedagogia social.

Referências

ANDRADE, Nívia do Socorro Sousa. **Entrevista**. [mar. 2022]. Entrevistador: Vívica Nascimento Fonseca. Santa Luzia, 2022. 1 arquivo mp3 (1 h. 29 min.). Entrevista concedida para a realização de atividade curricular da disciplina Estágio Supervisionado em Ambiente não Escolar.

ASSOCIAÇÃO BEM VIVER. **Relatório de atividades Associação Bem Viver**. Santa Luzia do Pará, Diretoria Biênio 2017-2022, 2022.

BRASIL. **Lei 9.394/96**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB.

O Estágio Supervisionado em ambientes não escolares: um estudo na Associação Bem-Viver, em Santa Luzia do Pará (Km 47)

GADOTTI, Moacir. A questão da educação formal/não-formal. **Seminário Direito à educação: solução para todos os problemas ou problema sem solução?** Institut International Des Droits De L'enfant (Ide), Suíça, 2005.

GOHN, Maria da Glória. **Educação Não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais.** São Paulo: Cortez editora, 2010.

GREGUOL, M. et al. O esporte para pessoas com deficiência e a luta anticapacitista: dos estereótipos sobre a deficiência à valorização da diversidade. **Movimento**, Porto Alegre, v. 27, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mov/a/cJjHyJZJ9749ZxDV3RffNTs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 jun. 2022.

LIBÂNEO, Jose Carlos. Pedagogia e Pedagogos: inquietações e buscas. **Educar**, Curitiba, n. 17, p. 153-176. 2001. Editora da UFPR.

LIBÂNEO, Jose Carlos. Diretrizes curriculares da Pedagogia: um adeus à Pedagogia e aos Pedagogos? Novas subjetividades, currículos, docência e questões pedagógicas na perspectiva da inclusão social. **Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino**. Recife: ENDIPE, 2006 a, p. 213- 242.

MARIETTO, Marcio Luiz. Observação Participante e Não Participante: Contextualização Teórica e Sugestão de Roteiro para Aplicação dos Métodos. **Revista Iberoamericana de Estratégia**, v.17, p.05-18, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3312/331259758002/html/>. Acesso em: 11 jun. 2022.

SANTOS, W. L. ; MENEZES, Eliana de Jesus. Estágio Supervisionado em Espaços Não-Escolares: (im)possibilidades na formação inicial do pedagogo. **Rios Eletrônica (Fasete)**, v. 10, p. 70-86, 2016. Disponível em: https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2016/11/estagio_supervisionado_em_e_spacos_ao_escolares.pdf. Acesso em: 30 jun. 2022.

SANTOS, W. L.; MENEZES, Eliana de Jesus. Pedagogia Social: nova perspectiva de estudo aplicada a realidade do município de Coronel João Sá-BA. **Rios Eletrônica (Fasete)**, v. 14, p. 84-99, 2017. Disponível em: https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2017/14/pedagogia_social.pdf. Acesso em: 30 jun. 2022.

SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. O Horizonte da Pedagogia Social: uma perspectiva de aproximação conceitual. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v.12, n.4, p. 2122-2137, out./dez. 2017.

Nota

ⁱ A educação informal “[...] incorpora valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados. Os indivíduos pertencem àqueles espaços segundo determinações de origem, raça/etnia,

religião etc. São valores que formam as culturas de pertencimentos nativas dos indivíduos” (GOHN, 2010, p. 16).

Sobre os autores

Vívia Nascimento Fonseca

Acadêmica do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA) - Campus de Bragança, polo de Santa Luzia do Pará. Email: nvivia307@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7784-5915>

Deyverson Luener de Oliveira Ferreira

Mestrado em Linguagens e Saberes na Amazônia, Na Linha de pesquisa: Educação, Linguagens e Culturas na Amazônia pela Universidade Federal do Pará. Possui Especialização em Educação e Interculturalidade na Amazônia pela Universidade Federal do Pará. Possui graduação em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará.
Email: deyversonluener@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6160-8034>

Recebido em: 28/03/2023

Aceito para publicação em: 29/08/2023